
COLEÇÃO
PATRIMÔNIO PARA JOVENS
TINHA UM CACO NO MEIO DO CAMINHO
IPHAN

TINHA UM CACO NO MEIO DO CAMINHO

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente
Leandro Antônio Grass Peixoto

Diretoria do Iphan
Adriana Fátima Bortoli Araújo
Andrey Rosenthal Schlee
Deyvesson Israel Alves Gusmão
Márcia de Figueiredo Lucena Lira
Daniel Borges Sombra

Superintendente do Iphan no Distrito Federal
Thiago Pereira Perpétuo

Departamento de Articulação, Fomento e Educação
Márcia de Figueiredo Lucena Lira

Coordenação-Geral de Fomento e Economia do Patrimônio
Clara Marques Campos

Divisão de Editoração e Publicações do Patrimônio
rnld Nogueira

Governador do Distrito Federal
Ibaneis Rocha Barros Junior

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Hélvia Miridan Paranaguá Fraga

Subsecretaria de Educação Inclusiva e Integral
Vera Lucia Ribeiro de Barros

Gerência de Educação Ambiental, Patrimonial, Língua Estrangeira e Arte-Educação
Hamilton Cavalcante Martins

TINHA UM CACO NO MEIO DO CAMINHO

Iphan · Brasília · 2025

Organização
Vinicius Prado Januzzi
Ana Carolina Lessa Dantas

Tinha um caco no meio do caminho

Texto e organização
Vinicius Prado Januzzi
Ana Carolina Lessa Dantas

Revisão técnica e textual
Ádila Cerqueira
Vinicius Prado Januzzi
Ana Carolina Lessa Dantas

Padronização de texto
Tikinet Edições Ltda.

Projeto gráfico e diagramação
Letícia Vieira
Átila Coelho

Revisão de diagramação
David Arantes
Igor Bessa
rnld Nogueira

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN

I59t

Tinha um caco no meio do caminho / Organização : Vinicius Prado Januzzi e Ana Carolina Lessa Dantas. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : Iphan, 2025.
50 p.

Modo de acesso: www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-85-7334-447-9

1. Arqueologia. 2. Patrimônio arqueológico. 3. Literatura infantojuvenil. I. Januzzi, Vinicius Prado. II. Dantas, Ana Carolina Lessa.

CDD 028.5

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120



Apresentação

É com muito orgulho que a Superintendência do Iphan no Distrito Federal apresenta ***Tinha um caco no meio do caminho.*** Quarto volume da Coleção Patrimônio para Jovens, a obra é parte de um esforço institucional de oferecer conteúdos sobre o patrimônio cultural do DF com foco no público infantojuvenil. Se obras que trabalham com este tipo de tema e público são incomuns, encontramos ainda menos aqueles materiais que lidam diretamente com a arqueologia, em linguagem direta e acessível. É esse tanto o nosso propósito quanto o maior desafio que nos colocamos ao desenvolver esta narrativa: falar, de maneira lúdica, sobre algumas das principais questões do patrimônio arqueológico da forma como são trabalhadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Tinha um caco no meio do caminho foi desenvolvido ao longo de mais de 18 de meses de intenso trabalho, em articulação técnica com ilustradores e diagramadores. As aventuras que verão nas próximas páginas retratam também as muitas histórias de povos e agrupamentos que habitaram o imenso território do Planalto Central e, com o bioma Cerrado, fizeram suas trajetórias, famílias, sociedades, enfim, suas vidas. Esta obra é, em primeira instância, o retrato da multiplicidade dos modos de vida que já estiveram aqui, antes de nós. Nenhuma dessas vidas, aliás, é mais importante do que a outra, nem mesmo a nossa. Com cada uma, é possível conhecer um pouco mais sobre o que é ser coletivamente humano.

Bento, Tito, Naná, Sibila, Berê e Lena são os protagonistas que apresentam esse mundo de descobertas e fantasias, junto de cerâmicas, lanças, machadinhas, raspadores e pinturas rupestres. Esses materiais permitem que a gente viaje ao longo de mais de 10 mil anos de história, data dos registros mais antigos de ocupação humana já descobertos e catalogados no Distrito Federal.

Quantas vidas, memórias, tristezas, alegrias, festas não cabem num tempo como esse? Quantos caminhos não foram trilhados? Quantos rios, árvores, insetos, flores, vales e chuvas? E, neles, quantos cacos foram deixados? São essas algumas das perguntas que uma ciência como a arqueologia procura responder; este livro é uma riquíssima oportunidade de aprender sobre elas. E, claro, de imaginar, formular hipóteses, pensar em mais e mais perguntas que podem ser feitas, em mais e mais formas de se preservar e fazer com que esse conhecimento possa ser compartilhado por todos nós.

Tenham uma excelente (e divertida) leitura!

Thiago Pereira Perpétuo
Superintendente do Iphan no Distrito Federal

Apresentação

Olá, estudantes!

É com muita animação que apresentamos ***Tinha um caco no meio do caminho,*** o quarto volume da coleção Patrimônio para Jovens, uma parceria entre a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-DF). Este livro foi pensado especialmente para vocês, leitores e leitoras infantojuvenis da nossa rede!

Nesta aventura, acompanhamos Bento e sua turma em uma história cheia de descobertas e aprendizados. Tudo começa em uma manhã comum, quando Bento encontra um artefato misterioso. Mas ele logo percebe que precisa de ajuda para desvendar os segredos desse achado curioso. É aí que começa uma busca empolgante por conhecimento, que leva Bento e seus amigos a explorar o mundo da arqueologia – uma ciência fascinante que investiga os vestígios do passado. O que será que eles vão descobrir?

Mais do que um livro, esta obra é um convite para despertar a curiosidade de vocês. A ideia é inspirar atitudes investigativas e criativas, ao mesmo tempo em que estimulamos o espírito científico e a valorização do nosso patrimônio cultural. Este é um recurso incrível para aprender mais sobre a história e a arqueologia de forma divertida e envolvente!

E tem mais: em 2025, comemoramos os 65 anos de Brasília! Apesar de jovem, nossa cidade está situada em um território que guarda histórias incríveis – algumas datadas de até 10 mil anos antes de Brasília existir. Já pensaram quantas vidas e histórias se passaram por aqui antes de nós?

Por isso, convidamos vocês a embarcarem nessa aventura com Bento e sua turma. Deixem-se levar pela curiosidade e pelo desejo de aprender mais sobre o passado que constrói o nosso presente. Tenho certeza de que vocês vão adorar!

Boa leitura e ótimas descobertas!

Com carinho,

Hélvia Paranaguá
Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal

Apresentação

O Instituto BRB, junto com a Secretaria de Educação do DF e Iphan, apresenta aos alunos da rede pública o livro ***Tinha um Caco no Meio do Caminho*** — uma aventura divertida e cheia de descobertas pelo Cerrado.

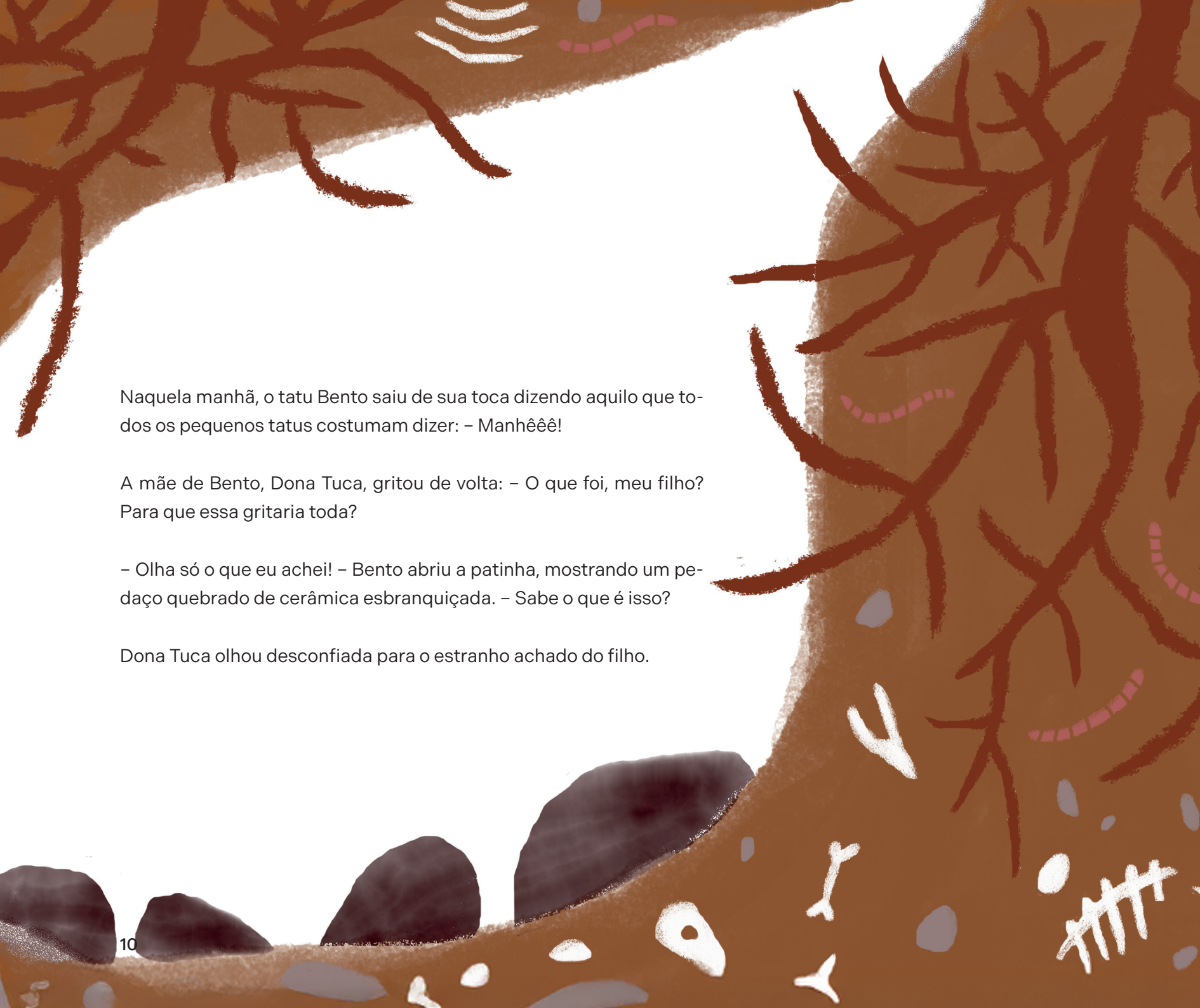
Nesse livro, animais típicos da região viram verdadeiros exploradores e nos levam por uma viagem pelo tempo, mostrando como o território que hoje é o Distrito Federal foi sendo ocupado. Mas os grandes astros da história são os "cacos" — fragmentos, objetos e pistas deixadas por diferentes povos que passaram por aqui. Cada pedacinho encontrado revela algo importante sobre o nosso passado e ajuda a entender quem somos hoje e o que queremos construir juntos para o futuro.

A obra também nos convida a olhar com mais atenção para o lugar onde vivemos. Isso é o que a gente chama de educação patrimonial — um jeito de aprender valorizando a nossa cultura, identidade e diversidade. Quando os estudantes se conectam com a história e a memória do seu território, criam laços mais fortes com a comunidade e crescem de forma mais completa.

O Instituto BRB acredita que cuidar da nossa história é um trabalho que precisa de todos: educação, cultura, turismo, meio ambiente, saúde e o jeito como a cidade se organiza. Essa união de esforços ajuda a proteger o que temos de mais valioso e a despertar o sentimento de pertencimento e orgulho por onde vivemos.

Afinal, conhecer e preservar o que veio antes é uma forma de construir um futuro melhor. E cada um de nós tem um papel nessa missão.

Karina Bruxel
Presidente do Instituto BRB



Naquela manhã, o tatu Bento saiu de sua toca dizendo aquilo que todos os pequenos tatus costumam dizer: – Manhêêê!

A mãe de Bento, Dona Tuca, gritou de volta: – O que foi, meu filho? Para que essa gritaria toda?

– Olha só o que eu achei! – Bento abriu a patinha, mostrando um pedaço quebrado de cerâmica esbranquiçada. – Sabe o que é isso?

Dona Tuca olhou desconfiada para o estranho achado do filho.



–Ih, Bento... Você não andou quebrando nada por aí, não, né?

– Vira essa boca para lá, mãe! – Disse o tatu. – Isso aqui não é um caquinho qualquer. É um artefato importantíssimo! A gente viu um desses na aula de Tatulogia! Mas fica tranquila, que se você não sabe, eu te conto!

Bento subiu em uma pedra, alongou seu casco e começou o show:

"Nós nunca estivemos sozinhos neste mundo. Por aqui, já viveram seres voadores, bichos rastejantes, animais tão pequenos que nem dava para enxergar com a bolota dos olhos."

– Bento, será que dá para encurtar a história dessa vez? – disse Dona Tuca.

"Nesta terra do passado, cada um tratava de sobreviver. Os tatus cavavam suas tocas, juntavam sua comida e corriam para se proteger de um inimigo feroz: a panela. Os tatuzinhos que não prestavam atenção aos movimentos da mata podiam acabar sendo capturados, colocados dentro de um pote de cerâmica e – tan, tan, tan, tan – cozidos!"

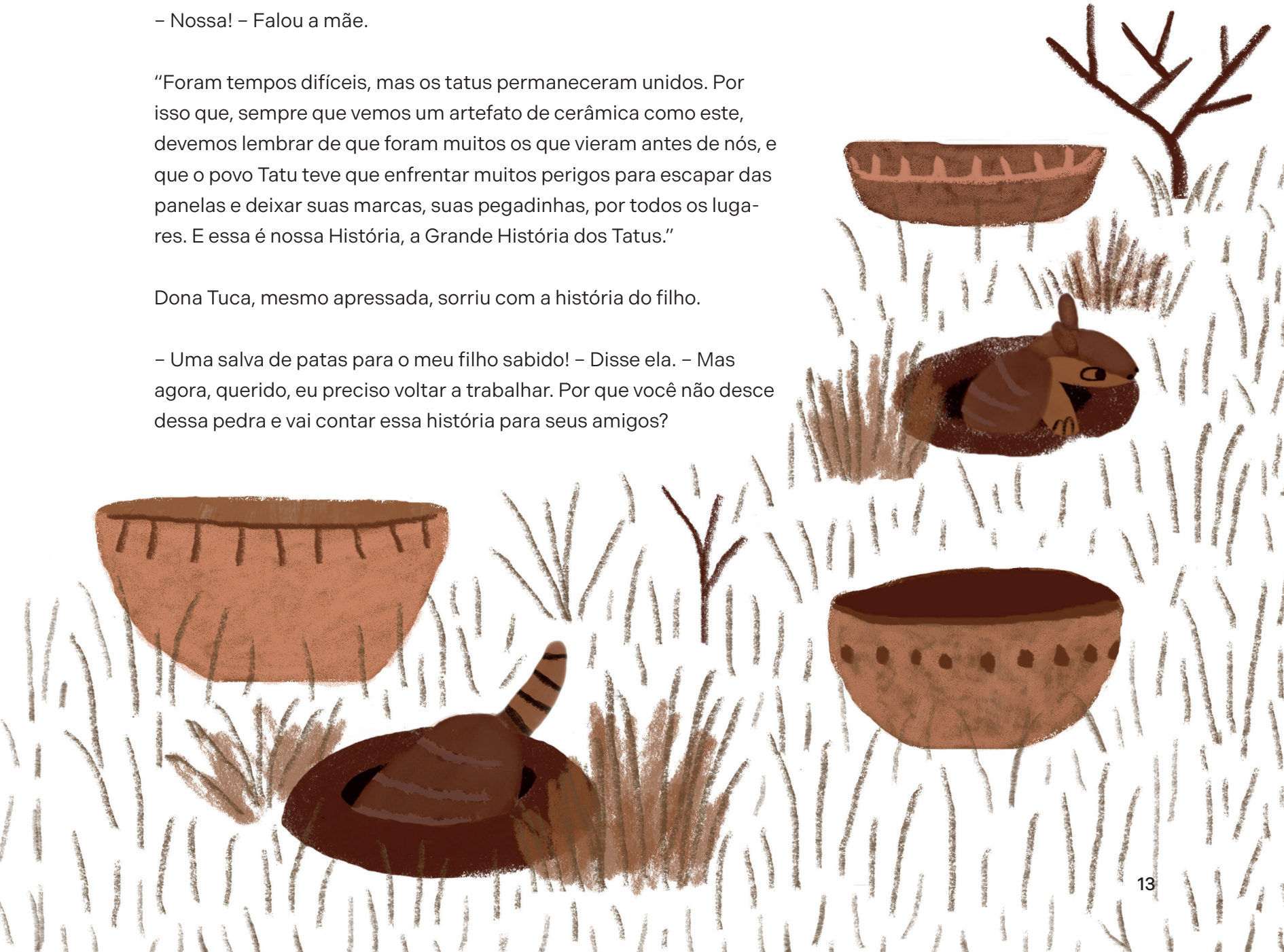


– Nossa! – Falou a mãe.

“Foram tempos difíceis, mas os tatus permaneceram unidos. Por isso que, sempre que vemos um artefato de cerâmica como este, devemos lembrar de que foram muitos os que vieram antes de nós, e que o povo Tatu teve que enfrentar muitos perigos para escapar das panelas e deixar suas marcas, suas pegadinhas, por todos os lugares. E essa é nossa História, a Grande História dos Tatus.”

Dona Tuca, mesmo apressada, sorriu com a história do filho.

– Uma salva de patas para o meu filho sabido! – Disse ela. – Mas agora, querido, eu preciso voltar a trabalhar. Por que você não desce dessa pedra e vai contar essa história para seus amigos?



E lá se foi o Tatu Bento, com seu pedaço de cerâmica, contar, para quem quisesse ouvir, a sua Grande História.

Como nesse mundo tem curiosos por todos os lados, não demorou para que Bento encontrasse alguém com quem dividir a novidade. Ziguezagueando entre árvores e matos, ele se deparou com Tito, o caititu. E foi logo acionando aquele a quem todos que gostam de um fuxico costumam acionar: – Titôôô!

– Olha só o que eu achei! – Bento abriu a patinha, mostrando o pedaço quebrado de cerâmica esbranquiçada. – Sabe o que é isso?

– Sei, ué. – Respondeu, tranquilo, o caititu. – A gente já viu um desses na aula de Caititulogia...

– Sério? – Bento interveio, surpreso. – Não sabia que eles ensinavam História dos Tatus na sua turma!

– Que história é essa de tatus, tatu? – Tito falou. – Esse negócio aí na sua mão é um artefato da Grande História dos Caititus!

Bento esbugalhou os olhos e, de tanta surpresa, não conseguiu dizer nada.

– Nunca ouviu falar? – Perguntou Tito. – Então, se você não sabe, eu te conto!




Tiiitôôôô!

Tito acomodou-se em um tronco, empinou o focinho e começou o show:

"Nesta terra do passado, quando as montanhas cresciam e os lagos ainda não estavam cheios de água, os caititus ancestrais corriam por toda a mata e comiam de todos os frutos."



– Vocês ainda fazem isso. – Disse Bento, intervindo, impaciente. Mas Tito não se abalou e, continuando a história, tirou, do meio de seus pelos, um pedaço de pedra bem afiado, com uma ponta cortante.

"Embora sempre tenham sido pacíficos, nossos antepassados porcos-do-mato não tinham tranquilidade. A todo momento, precisavam estar atentos aos ruídos que vinham das moitas, de onde saíam seus principais inimigos: as flechas."



– Mas, Tito, e o caquinho, ó? Isso aqui que eu trouxe não é uma flecha nem que a anta tussa. – Disse Bento.

Apesar da interrupção, Tito seguiu com a história, sereno:

"Se vissem ou ouvissem as flechas por aí, saíam logo em alvoroço, porque, um segundinho de atraso que fosse e... um parente virava picadinho numa panela de cerâmica! E é assim que uma ponta de flecha mostra que os caititus, desde o mais remoto dos tempos, são rápidos como o vento e os mais espertos desse rincão, e que, juntos, não arredaremos a pata dessa terra. Esta, sim, é a Grande História dos Caititus."

– Uhm, até que a história tem um final bonito, mas ainda acho que a minha faz beeeem mais sentido... – Falou Bento, provocando o amigo.

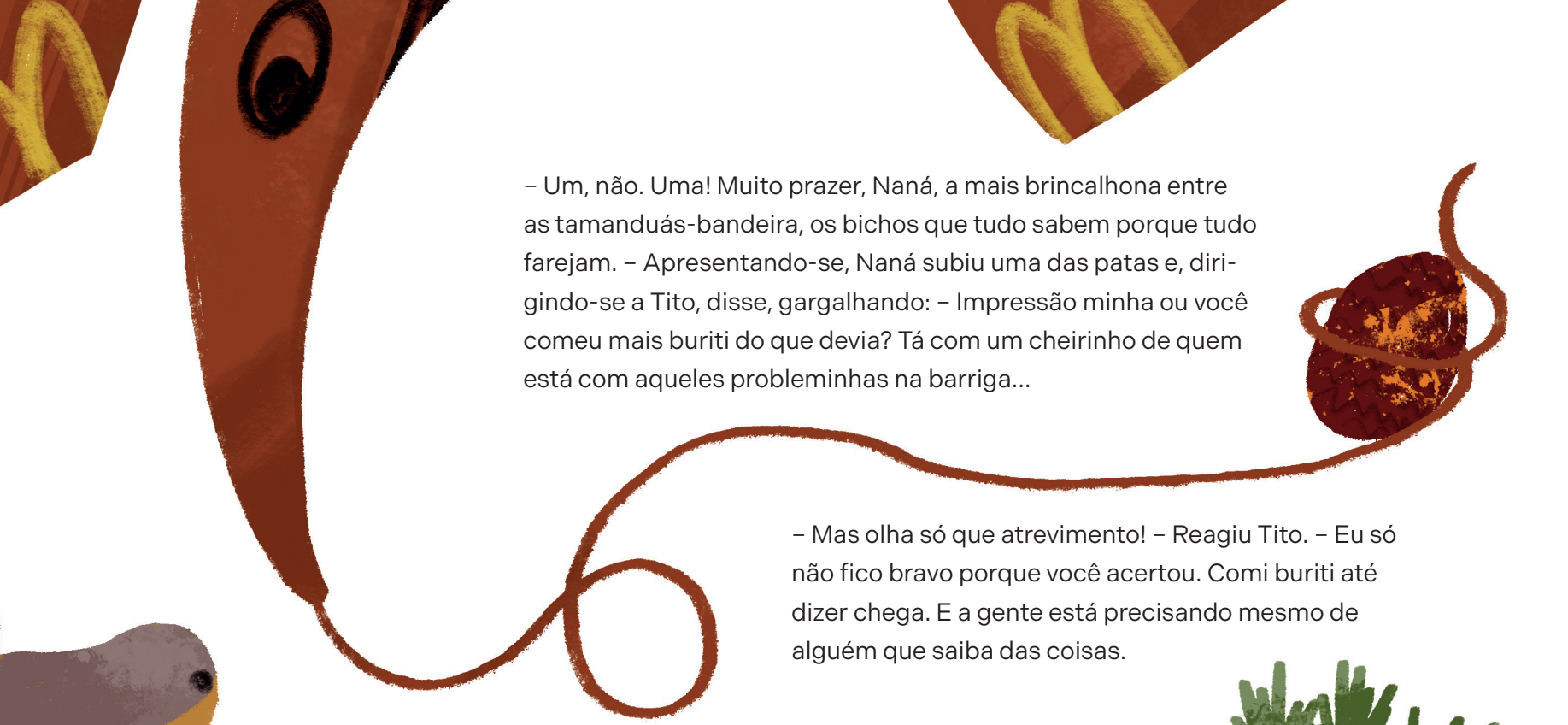
– Conta outra! Eu aposto que a minha é a correta. – Respondeu Tito.
– O jeito vai ser a gente arrumar alguém para decidir, definitivamente, qual é a história verdadeira!

E lá se foram o Tatu Bento, com seu pedaço de cerâmica, e o Caititu Tito, com sua ponta de lança, perguntar, a quem soubesse responder, qual era a Grande História.





Tito e Bento começaram sua busca por alguém que pudesse comprovar quem deles estava dizendo a verdade. Tito farejava o solo com todo cuidado. Bento corria pra lá e pra cá. Estavam tão concentrados que não perceberam que um animal muito maior que eles se aproximava. Quando se deram conta, já tinham trombado com ele e estavam espatifados no chão. E gritaram aquilo que todos os animais surpreendidos por um tamanduá costumam gritar: – Aaah, um tamanduá!



– Um, não. Uma! Muito prazer, Naná, a mais brincalhona entre as tamanduás-bandeira, os bichos que tudo sabem porque tudo farejam. – Apresentando-se, Naná subiu uma das patas e, dirigindo-se a Tito, disse, gargalhando: – Impressão minha ou você comeu mais buriti do que devia? Tá com um cheirinho de quem está com aqueles probleminhas na barriga...

– Mas olha só que atrevimento! – Reagiu Tito. – Eu só não fico bravo porque você acertou. Comi buriti até dizer chega. E a gente está precisando mesmo de alguém que saiba das coisas.





– E no que posso ajudar, senhores? – Disse Naná. – Ou melhor, meninos. Aliás, você aí, o outro, você está com cara de quem brincou na lama há dois dias? Cara, não; cheiro!

– E não é que ela é sabida, mesmo, Tito? – Falou Bento, enquanto conferia suas axilas de tatu.

Bento e Tito mostraram a Naná o que traziam em suas patas e o porquê de terem saído em busca de um animal sábio e imparcial.



– Então, Naná, o que precisamos saber é o seguinte: que História é verdadeira, a dos tatus ou a dos caititus? – Perguntou Tito.

– Sinto desapontá-los, rapazes, mas meu faro me diz que os dois estão errados! – Respondeu ela. – Todos sabem que a verdadeira história é a História dos Tamanduás!



Bento e Tito exalaram um odor de bicho decepcionado.

– Não levem a mal, mas é que eu só trabalho com faros! Ops, digo, com fatos! – Disse Naná.

– E quais seriam esses fatos, mesmo? – Perguntou Bento, meio descrente.

– Ah, se vocês não sabem, eu lhes conto! – Exclamou, animada, a tamanduá, que adorava fazer uma cena.



Naná se apoiou em um cupinzeiro, levantou seu rabo esvoaçante e começou o show:

"Há muitos mil tamanduanos, os tamanduás-bandeira eram os bichos mais bonitos da mata. Nosso pelo prateado causava furor por onde passava, e mesmo as formigas ficavam enfeitiçadas com o reflexo do sol em nossas madeixas. Era um tempo de abundância, e todos os tamanduás caminhavam de barriga cheia pelo Cerrado."

– Será que os puns deles tinham cheiro de insetos? – Tito perguntou para o tatu, baixinho. Naná fingiu não ouvir e seguiu com a história.

"Mas, além do nosso pelo bonito, nossa cauda quentinha também despertava inveja. Todos queriam ser como nós: lindos, alegres, aconchegantes. Às vezes, queriam tanto que acabavam levando a brincadeira para um lado ruim."

Com sua língua gigante, Naná alcançou, no fundo do cupinzeiro, uma pedra cinza e meio achatada, com as laterais lascadas.





"Os antigos tamanduás não conheciam só as flechas e as panelas; eles sabiam de um objeto muito mais aterrorizante. Um objeto que, de longe, despertava nossos sentidos e nos deixava com todos os pelos em pé: o raspador. Pode até parecer uma pedra qualquer, mas esse danado cortava frutas, descascava madeira e... tirava pelo de tamanduá!"

– Nossa, Bento, agora o clima pesou. – Disse Tito, com a voz baixinha.

– E como! – Respondeu o amigo, com os olhos esbugalhados.

"Esses momentos tristes, ainda que a gente não se esqueça deles, também dão orgulho aos tamanduás-bandeira. Sabemos que nossa determinação, nossa beleza e nossa felicidade vêm despertando a cobiça dos outros seres desde o primeiro dos tamanduanos. Além do mais, não é por nada, não, mas duvido que saibam de bichos mais cheirosos que nós. E esta, meus novos amigos, é a Grande História dos Tamanduás-bandeira!"

– Eu mesmo nunca senti um aroma tão bom. – emendou Bento.

Tito, inspirando prazerosamente o ar, complementou: –
E é, mesmo, dá até uma alegria, assim, quando a gente está perto.

– Agora... – Prosseguiu Bento. – Estou para dizer que a história dos tamanduás é bem legal, parece até mesmo a dos tatus, de tão legal. Mas eu ainda não estou convencido de que é a história verdadeira.

– Nem eu, nem eu. – Arrematou Tito.

– Bom, se vocês acham isso, mesmo que eu não concorde, topo ir com vocês em busca da verdade que vocês tanto dizem existir. – Ponderou Naná.



E lá se foram o Tatu Bento, com seu pedaço de cerâmica, o Caititu Tito, com sua ponta de lança, e a Tamanduá Naná, com seu raspador, perguntar, a quem soubesse responder, qual era a Grande História.

Bento, Tito e Naná se embrenharam mata adentro, ora apostando corrida um com o outro, ora disputando quem imitava melhor os passarinhos daquela mata rasteira. Terminavam um desses jogos quando a avistaram. E chamaram por aquela a quem todos os animais em competição costumam chamar: – Sibilaaa!



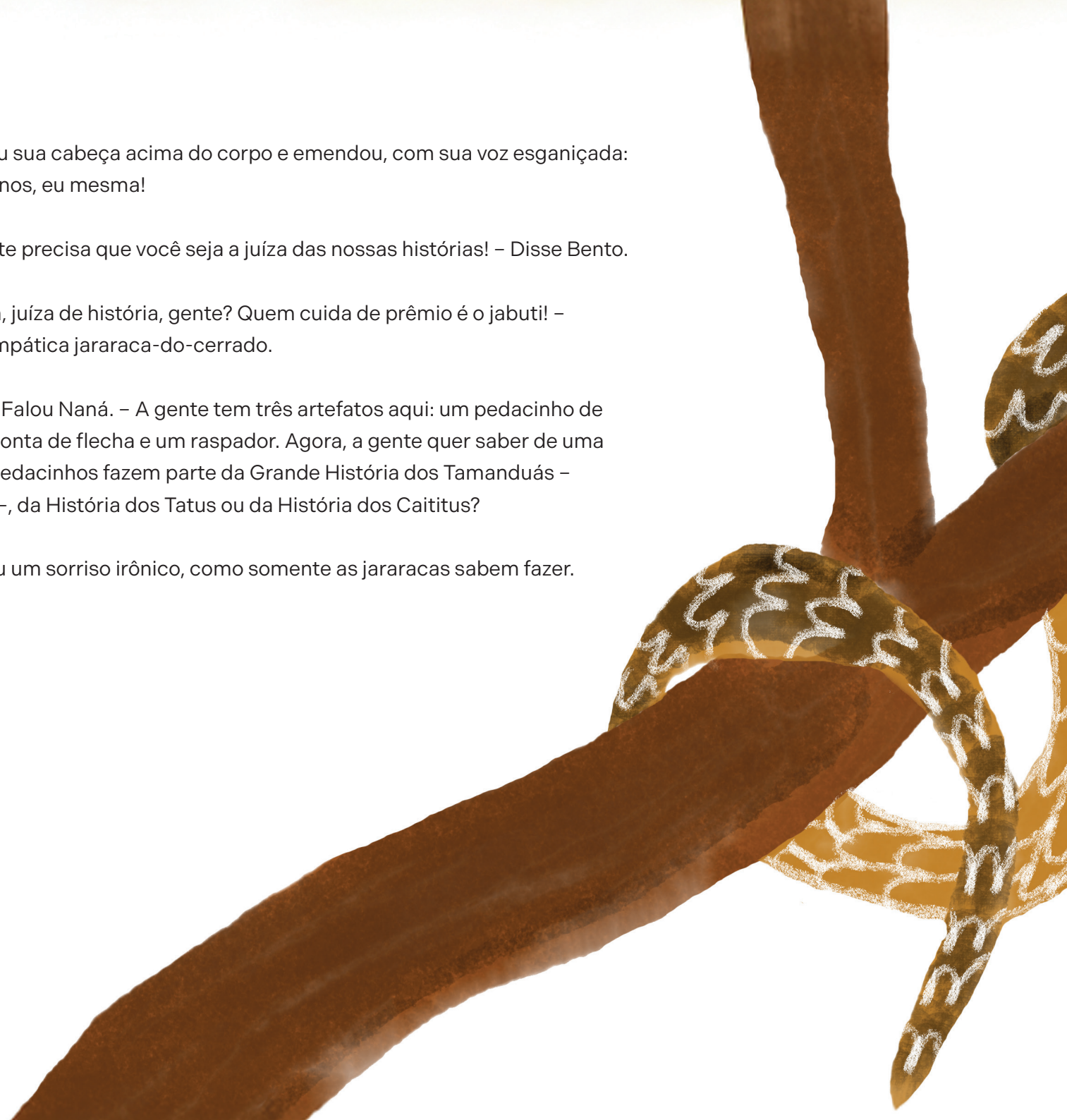
Sibila empinou sua cabeça acima do corpo e emendou, com sua voz esganiçada:
– *Sssim*, meninos, eu mesma!

– Sibila, a gente precisa que você seja a juíza das nossas histórias! – Disse Bento.

– Como assim, juíza de história, gente? Quem cuida de prêmio é o jabuti! – Retrucou a simpática jararaca-do-cerrado.

– É simples. – Falou Naná. – A gente tem três artefatos aqui: um pedacinho de panela, uma ponta de flecha e um raspador. Agora, a gente quer saber de uma coisa. Esses pedacinhos fazem parte da Grande História dos Tamanduás – o que é óbvio –, da História dos Tatus ou da História dos Caititus?

Sibila esboçou um sorriso irônico, como somente as jararacas sabem fazer.

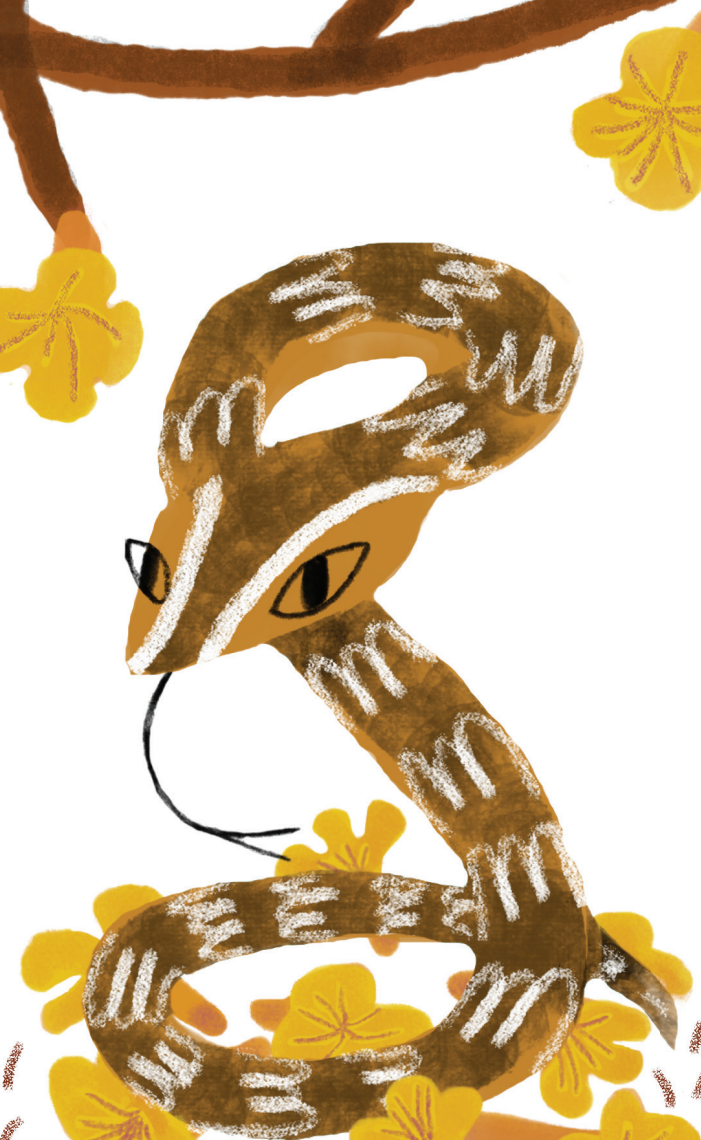




– Vejam bem, não *sssei* de onde surgiu todo esse papo, mas a resposta que eu tenho é simples. Vocês três estão *erradosss*. Esses pedaços que vocês me mostraram são, na verdade, parte de outra história: a única e Grande *Hissstória* das Jararacas.

– O quê? Como assim?! – Berraram todos, com os olhos arregalados de surpresa e indignação.

– Não é razão para se assustar, *criançasss*. Se vocês não sabem, eu lhes conto!



Sibila acomodou-se em um monte de folhas de ipê-amarelo, colocou sua língua dividida para fora e começou o show:

"As jararacas são conhecidas mundo afora por estarem aqui desde o mais distante dos tempos, quando vocês nem sequer sonhavam em *nassscer*. Minhas anciãs conheciam todos os caminhos do Cerrado. Elas se camuflavam entre as folhas secas e capturavam suas presas como ninguém!"

– Mas... – Começou Bento.

– Shiu, Bento! – Interrompeu Tito. – Tá a fim de virar presa?

"Mas as jararacas não eram as únicas caçadoras do Cerrado. Outros animais, maiores e mais grosseiros, também andavam por aqui à procura de comida. Como eles não sabiam rastejar, abriam as matas com um *inssstrumento* muito curioso."

Remexendo no meio das folhas, Sibila mostrou aos amigos uma pedra polida, lisinha, com a ponta arredondada.

"Quando ouviam o barulho dessas pedras – que chamavam de *machadinhasss* – derrubando galhos, as jararacas sabiam que logo, logo iriam chegar os bichos que fazem fogo, com suas pontas de flecha, seus raspadores e suas panelas. Todos os animais temiam os fazedores de fogo, mas nós, não. Eles é que tinham medo das rainhas do Cerrado. E é por isso que a História correta, pessoal, é a Grande *Hissstória* das Jararacas."

– Algo me diz que vamos ter que andar mais um pouco... – Disse Bento, suspirando.

– Não que eu esteja interessada em *hissstorinhas* menores... – Disse Sibila. – Mas até que estou curiosa para ver aonde isso vai dar. Vou rastejando com vocês!

E lá se foram o Tatu Bento, com seu pedaço de cerâmica, o Caititu Tito, com sua ponta de lança, a Tamanduá Naná, com seu raspador, e a Jararaca Sibila, com sua machadinha, perguntar, a quem soubesse responder, qual era a Grande História.





Percorreram cachoeiras, barrancos, caminhos que pareciam nunca ter visto bicho nenhum. Quando menos esperavam, estavam de frente para uma caverna, cujo aspecto sombrio os atraiu como só os girassóis fazem com as abelhas.

Estavam distraídos, cada um com seus próprios pensamentos, os olhares perdidos, até que um vulto passou feito raio à frente deles. Todos gritaram de medo, mas Sibila, que conhecia tudo e todos, logo esbravejou aquilo que as cobras populares costumam esbravejar:
– Berêêê!





– Sibila! Você por aqui! Quanto tempo? – Disse Berê, o morceguinho-do-cerrado. — E sua tia, sabe se já está melhor da dor de dentes?

– Nem te conto. Está toda, toda. E não é só o dente que está bom, não, está com a língua *maisss* afiada do que nunca! – Respondeu Sibila, rindo.

– E o que você faz por aqui, amiga? E quem são esses aí do seu lado? – Questionou Berê, apontando uma das asinhas para os outros animais.

Naná, que estava louca para se apresentar, nem deixou Sibila respon-der e foi logo contando o nome de todo mundo e o porquê de estarem



– Quem procura, sempre acha, não é mesmo? – Disse Berê, fazendo mistério. – E agora que vocês chegaram aqui, finalmente estão prontos para a verdade.

– Ah, graças ao Louva-Deus! – Exclamou Bento. – Conta logo, conta logo. A Grande História é...?

– A Grande História dos Morcegos! – Falou Berê, abrindo ambas as asas.

– Sei que você gosta de uma fofoca, meu amigo, mas um animal tão pequeno com uma *hissstória* tão grande, eu nunca vi... – Pontuou Sibila.

– Para tudo tem uma primeira vez, minha cara. Se vocês não sabem, eu lhes conto! – Respondeu o morcego.



Berê encaixou suas patinhas em um buraco entre as pedras do alto da caverna, ficou de ponta cabeça e começou o show:

"As cavernas são testemunho do mais remoto dos tempos. Nós, os morcegos, sempre fomos seus principais hóspedes, mas muitos outros animais deixaram suas pegadas por aqui. E que pegadas! Cheguem mais perto das paredes... estão vendo estes desenhos?"

Foi quando os outros bichos notaram aqueles desenhos vermelhos, com símbolos e marcas que nunca tinham visto antes.

– O que é isso?! – Perguntou Naná.



"Esses desenhos têm um nome: pinturas rupestres. Elas existem por todos os cantos do mundo e todos sabem – ou, pelo menos, nós morcegos sabemos – que elas contam histórias sobre as coisas que vemos daqui do alto. Os animais caçando uns aos outros, os seres fazendo fogo e abrindo clareiras na mata, os bichos procurando formas de se esquentar. Todos os instrumentos que vocês carregam, e muitos outros, que nem podem imaginar, estão nestas paredes!"

– Nossa! – Bradou Tito. – E foram vocês que as pintaram, é?

"Obrigado, meu caro Tito, mas as pinturas não foram feitas por nós, mas para nós! Se elas estão nas cavernas – na nossa casa! –, é mais do que claro que são uma homenagem para os morcegos, os semeadores de frutos, os seres da noite, os cavaleiros das trevas!
E é por isso que elas representam uma só coisa, a Grande História dos Morcegos."

– Uhm, não sei se estou acreditando nessa história, não. – Disse Naná, que pontuou que as pinturas poderiam muito bem ser sobre os tamanduás-bandeira.

– Eu também não. – Acrescentou Bento, mas dizendo que tudo aquilo fazia era sentido para os tatus.



– Estão todos *erradosss*! É óbvio que essas pinturas estão falando das jararacas. – Disse Sibila. – Olha ali no cantinho da pedra, se aquilo não é uma cobra, eu estou ruim da vista.

– E está mesmo! – Colocou Tito – Porque aquela parte não é cobra, não. Vejam, é um caititu sem tirar nem pôr!

Tentando conter os ânimos, Berê propôs uma solução: – Se eu não posso dar o veredicto sobre essa história, sei de alguém que pode. É um bicho muito inteligente e que fica pelos ares como eu, mas que sabe muito bem se enfiar em todos os buracos que ninguém mais vê. Ela vê tudo e vê todos, a todo momento.



Mesmo não totalmente certos de que aquilo funcionaria dessa vez, resolveram fazer pelo menos mais uma tentativa. Seria a última, decidiram, ou cada um que ficasse achando o que quisesse.

E lá se foram o Tatu Bento, com seu pedaço de cerâmica, o Caititu Tito, com sua ponta de lança, a Tamanduá Naná, com seu raspador, a Jararaca Sibila, com sua machadinha, o Morceguinho Berê, com seu conhecimento sobre pinturas rupestres, perguntar, à mais sábia de todos os animais, qual era a Grande História.

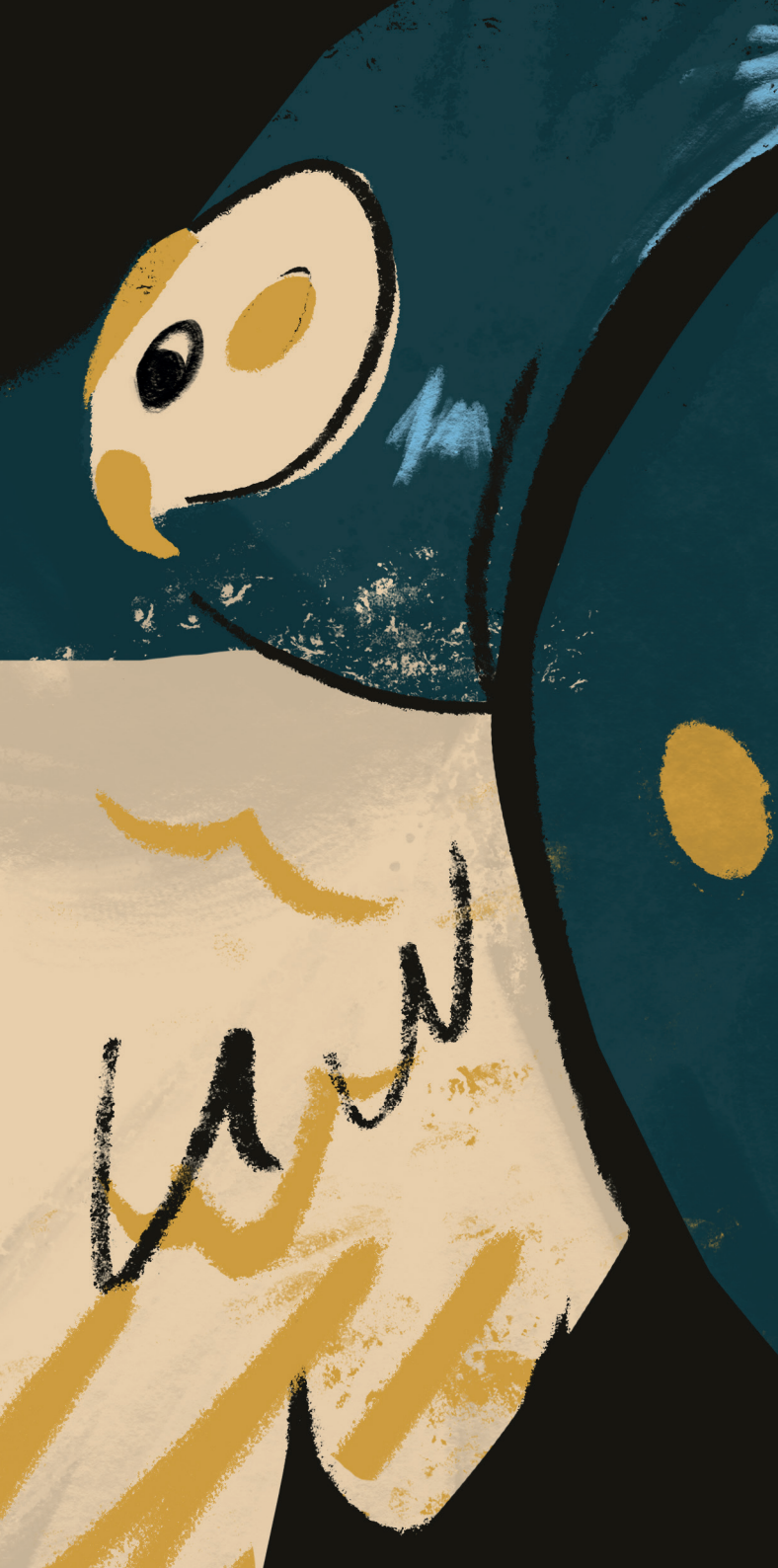
Quando chegaram até o buraco em que morava Lena, encontraram a coruja-buraqueira cheia de terra, cavucando seu ninho. Como quem soubesse que aquela legião de bichos viria, Lena virou sua cabeça antes mesmo deles chamarem por seu nome.

– Olá, pessoal! Que grande dilema lhes traz aqui hoje?



Um a um, os animais foram mostrando seus artefatos à coruja e expondo a discordância que os levara até ali. Com atenção e paciência, Lena ouviu todas as histórias, soltando um risinho rouco de coruja aqui e ali. Quando todos haviam terminado, ela falou:

– Parece que vocês se empenharam bastante em descobrir essa Grande História hoje, não é? Todos têm pontos muito bons! E por quantas façanhas os ancestrais dessa mata passaram!



– Sssssssssssssssssss – Chiou a cobra Sibila. – Indo direto ao ponto... Se você, com esses olhos tão grandes, tudo sabe, quem de nós está falando a verdade?

– Ah, não está claro? – Falou Lena, pacata. – Naturalmente, nenhum de vocês está com a verdade.

Todos soltaram um suspiro.

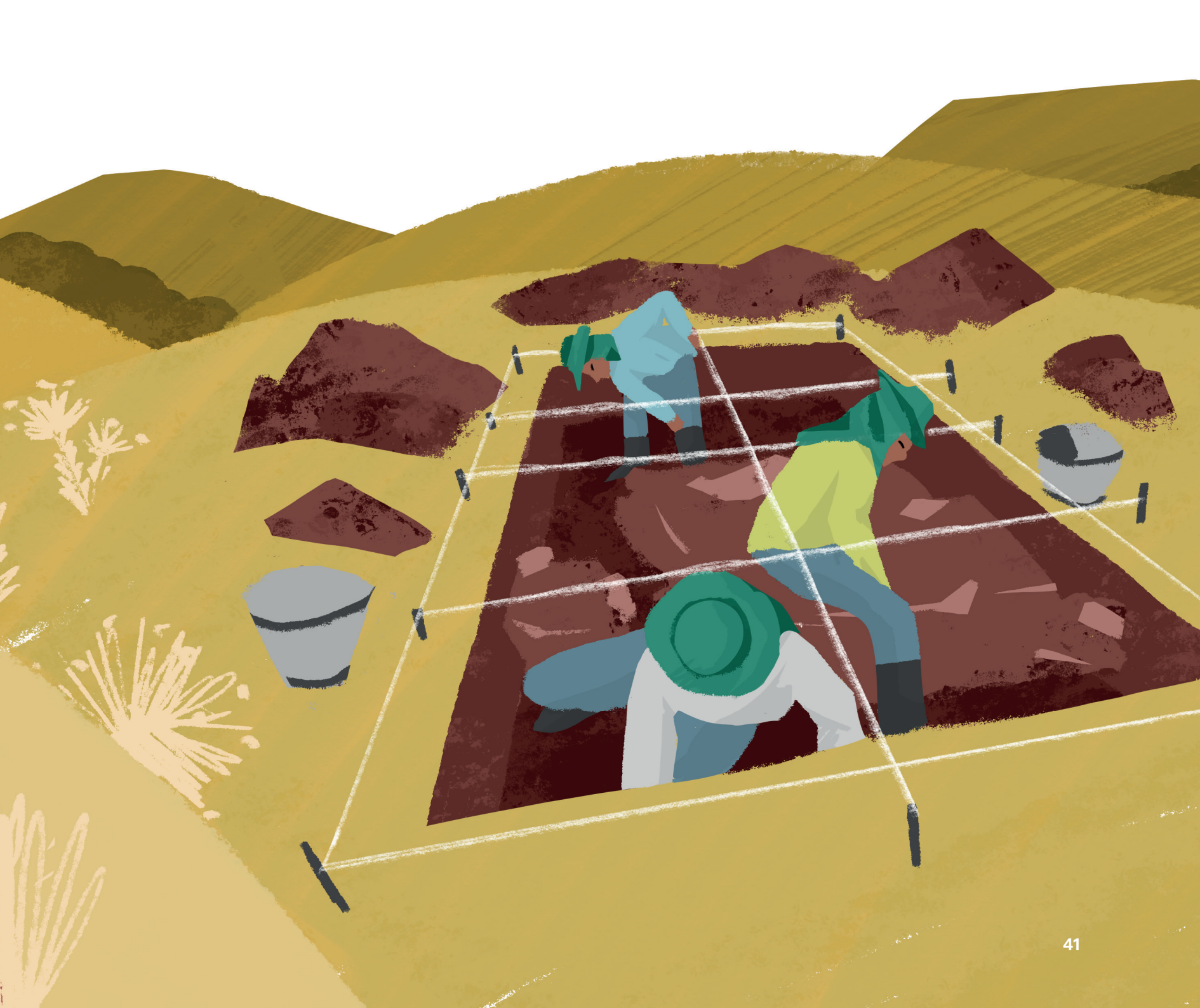
– Tá, tá, já sei. – Adiantou-se Naná. – A gente não sabe sobre a Grande História das Corujas-buraqueiras, e você vai nos contar!

– Não, não. Eu não vou contar nada, detesto fazer show. Aliás, quem sou eu no meio dessa História tão grande? – Respondeu Lena, sorrindo. – Mas tem algo que eu gostaria de mostrar.



Apesar de cansados, os bichos concordaram em seguir a coruja em direção a um campo aberto.

– Estão vendo aquele buraco ali no meio? – Lena apontou para um grande buraco, retangular e profundo, no meio da clareira. – Apesar de muito bem cavado, não é obra das corujas-buraqueiras. Chamam de sítio arqueológico. Todos os dias, uma equipe de humanos passa horas aí, cavando, espanando, mexendo. E eles conversam bastante, também, sobre os objetos que vão tirando do buraco. Dizem que os antepassados deles cozinhavam com panelas de cerâmica, caçavam com flechas, cortavam com raspadores, abriam matas com machadinhas e pintavam paredes nas cavernas. E o mais engraçado: falam que tudo isso faz parte da **Grande História dos Humanos!**



– Humanos?! – Disseram todos, em uníssono.

– Não é possível! – Disse Berê.

– Sssó me faltava essa! – Bradou Sibila.

– Mas que abuso! – Vociferou Naná.

– Deve ser engano! – Falou Tito.

– Que final mais sem graça... – Exclamou Bento.

– Sim, pode até ser um abuso... – Riu Lena. – ... mas não quer dizer que é o final! Vocês não estavam falando toda a verdade, mas acho que eles, humanos, também não. Eu suspeito que nenhuma história pode ser tão grande se falar de um só animal... O mundo é muito complicado para ser resumido com essa simplicidade.





– Falou e disse, dona Lena! – Colocou Bento.

– E tem mais. – Acrescentou Lena. – A gente está falando só do lugar onde a gente mora. Tá certo que o Cerrado é bem grande, com uma história muito antiga e sobre a qual a gente sabe só um pedaço. Mas imagina pensar que o mundo está cheio de outras histórias? Histórias de tantos rios, tantas árvores, tantos seres...

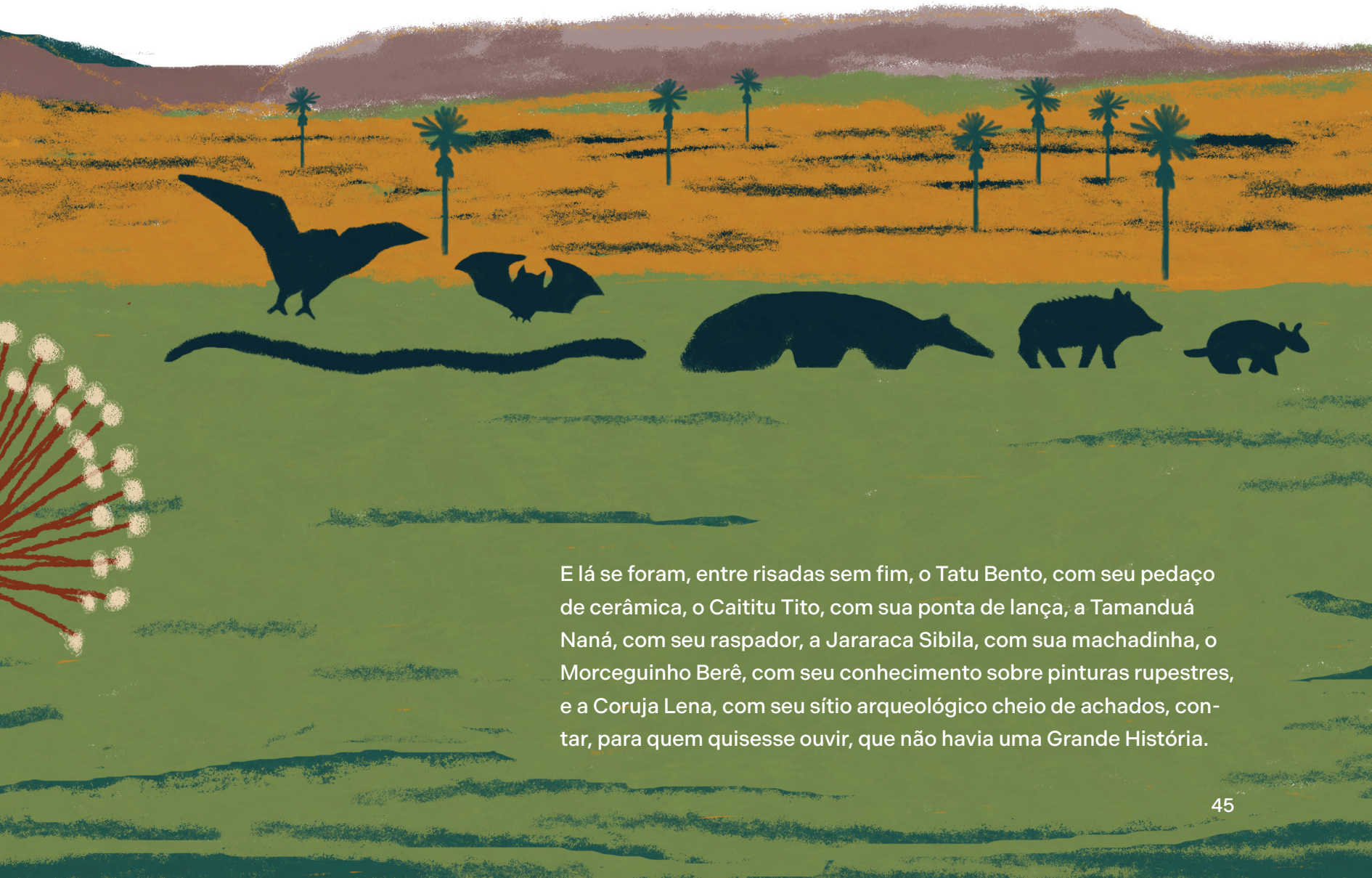
– Pareceu até uma *especialisssta* falando. – Disse Sibila.

– Que especialista, que nada! – Respondeu Lena. – Eu só aprendi na aula de Corujologia! A melhor das disciplinas!

– Que nada. Morcegologia é muito melhor! – Respondeu Berê.

– Não vem, não, que é a Tamandualogia que ensina as coisas direitinho. – Falou Naná.





E lá se foram, entre risadas sem fim, o Tatu Bento, com seu pedaço de cerâmica, o Caititu Tito, com sua ponta de lança, a Tamanduá Naná, com seu raspador, a Jararaca Sibila, com sua machadinha, o Morceguinho Berê, com seu conhecimento sobre pinturas rupestres, e a Coruja Lena, com seu sítio arqueológico cheio de achados, contar, para quem quisesse ouvir, que não havia uma Grande História.



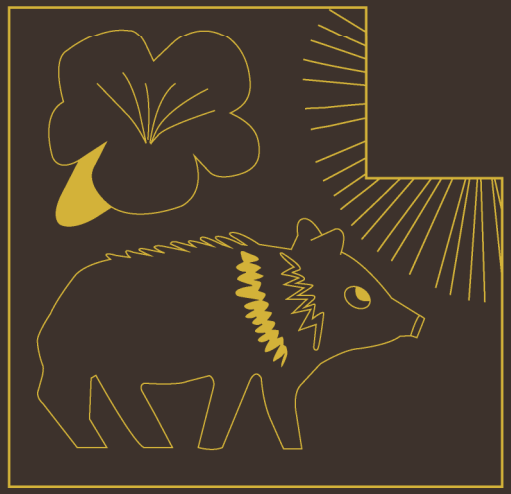




O PEQUENO, MAS EXTRAORDINÁRIO, GUIA DOS ANIMAIS ABELHUDOS

Curiosidades e aprofundamento das explicações sobre arqueologia







1. Antes de tudo, o que é abelhudo?



Abelhudo é sinônimo para uma pessoa **curiosa**, **enxerida**!

2. O que é arqueologia?

O jeito mais fácil de explicar o que é arqueologia é dizer que ela é um modo de conhecer o passado. Mas não um modo como qualquer outro. O conhecimento da arqueologia é construído em cima de artefatos, como os que são descritos no livro, e da relação entre eles com o espaço. É assim que conseguimos saber mais ou menos como viveram os primeiros agrupamentos de humanos. Não dá para dizer que sabemos tudo, porque nem tudo dessas épocas está aqui para poder nos ajudar a contar essas histórias, mas, de pedacinho em pedacinho, podemos montar um quebra-cabeça que conta essas muitas formas de se habitar a terra.

Os estudos da arqueologia podem ser divididos em, basicamente, dois grandes grupos. De um lado, a pré-história, também conhecida como pré-colonial. De outro, a histórica. No caso do Brasil, a arqueologia histórica estuda diretamente os vestígios, elementos e artefatos ligados à ocupação do nosso território após a invasão dos primeiros europeus ao continente.

3. Que história é essa de pré-história? Ou de pré-colonial?

Se vocês pararem bem para pensar, não é meio estranho falar em pré-história? Como se a gente conseguisse dividir as coisas num limite muito exato em que, dali para trás e dali para frente, tudo mudasse radicalmente? Mas esse foi um jeito que foi encontrado de facilitar a compreensão do modo como o território brasileiro foi ocupado.

Quando falamos em pré-história, falamos de todo o período que vem antes de 1500, ano que marca o início da dominação portuguesa no Brasil. Isto não significa dizer que todos os humanos viviam da mesma forma nesse período. Já sabemos que isso não é verdade. Graças aos artefatos, aprendemos que havia povos mais numerosos, e outros com bem menos pessoas; que havia sociedades que viviam num só lugar, e outras que eram nômades e estavam sempre se mudando... As diferenças são muitas, e a arqueologia nos ajuda a compreendê-las melhor!





4. Os arqueólogos estudam dinossauros?

Essa é uma confusão muito comum, mas a verdade é que a arqueologia estuda apenas as populações humanas e as diferentes formas de ocupação do espaço ao longo da história. Quem estuda dinossauros é chamado de paleontólogo(a), e sua ciência é a paleontologia.

Uma informação importante é que a presença humana no Planeta Terra é muito recente. Para se ter uma ideia, os(as) cientistas consideram que a Terra tem mais ou menos 4,5 bilhões de anos. Os dinossauros foram aparecer bem depois, há 230 milhões de anos, e foram extintos 65 milhões de anos atrás. Tudo isso numa escala aproximada, vale a pena dizer, porque, como faz muito tempo e nem tudo ficou registrado, é difícil precisar o dia, a hora e os minutos em que certas coisas ocorreram. Os primeiros humanos, aqueles mais parecidos conosco, foram aparecer muito tempo depois, há mais ou menos 40 mil anos, e muitas pessoas já viveram, criando elas mesmas suas histórias e vestígios de sua passagem.

5. E se eu encontrar um artefato arqueológico?

Um artefato arqueológico é um objeto muito delicado. Para que os(as) arqueólogos(as) possam entendê-lo da melhor forma possível, é preciso que o artefato não seja retirado do local onde foi encontrado, nem seja manipulado. Além do mais, muitos desses objetos são frágeis, seja pelo material com que foram feitos, seja porque são muito antigos, e o manuseio menos cuidadoso pode danificá-los e prejudicar toda a pesquisa sobre a história de um local ou de um grupo.

Por isso, nos casos em que um artefato é encontrado, um(a) profissional da arqueologia deve ser comunicado. Existem instituições que trabalham diretamente com essa temática e que fazem esse trabalho. É o caso de faculdades e universidades que tenham arqueólogos(as) entre seus professores e de órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan, que é responsável pelo cuidado e pela organização de bens arqueológicos. Em resumo, diferentemente de Bento, Sibila, Berê, Tito e de Lena, nós, os humanos, não podemos sair andando livremente com esses artefatos sem o devido cuidado.

É importante dizer, inclusive, que existem muitas leis e documentos que protegem o patrimônio arqueológico brasileiro. E isso é ótimo, porque, como vimos, esses artefatos representam muitas histórias, que começaram há milhares de anos e que só vamos conhecer se as protegermos o suficiente.

6. O que é um sítio arqueológico?

O sítio arqueológico é um local onde foram encontrados artefatos e vestígios ligados à ocupação humana. A caverna com pinturas rupestres onde Berê apresentou sua versão da história, é um exemplo de sítio



arqueológico. Um sítio pode não ter fronteiras rígidas, porque a existência de um artefato pode indicar que ali naquele mesmo lugar poderiam ser encontrados muitos outros, de diferentes épocas, inclusive.

Para se ter uma ideia de como isso acontece, basta pensarmos em como antes de existir Brasília, esse território foi ponto de passagem de peões, tropeiros e trabalhadores rurais, nos séculos XVIII e XIX e, muito antes, foi terra habitada por diferentes povos indígenas. Ou seja, num mesmo lugar, muitas coisas se passaram e muitas pessoas já viveram, criando elas mesmas suas histórias e vestígios de sua passagem.



7. Por que o Cerrado é único?

O Cerrado é um dos seis biomas brasileiros, sendo os demais a Amazônia, a Caatinga, o Pantanal, a Mata Atlântica e o Pampa, e se estende por 25% do território do país. Ou seja, um quarto do Brasil é feito de Cerrado. A região é uma das que apresentam maior biodiversidade do mundo, com milhares de espécies animais e vegetais. Quando se fala nesse bioma, em geral se fala de árvores tortas, de pouca altura e vegetação rasteira, mas o Cerrado é tão, mas tão grande, que, embora essa seja uma característica marcante, ela é muito variada em sua extensão. Ano a ano, o Cerrado se renova depois de um ciclo de longa estiagem e outro de chuvas intensas.

Infelizmente, nos últimos anos, o Cerrado vem passando por um processo grande de devastação, que vem afetando não apenas seus animais e plantas, mas também seu solo e seus rios. Essa transformação prejudica diretamente as cidades e o campo, por conta das transformações no ciclo de chuvas e na temperatura média. A extinção de espécies prejudica, ainda, o equilíbrio biológico, com consequências mais severas para todo o bioma.



Este livro foi composto com as famílias das fontes Indivisible,
corpo 11, entrelinha 17; e Finger Paint, corpo 15, entrelinha 17.
Impresso em papel Offset 120g, em 4 cores.
Tiragem de 1.000 exemplares.

Realização

INSTITUTO BRB

Secretaria de Educação

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

IPHAN

MINISTÉRIO DA CULTURA


Edições
IPHAN